

## MULHERES INADEQUADAS – CLITEMNESTRA E ANTÍGONA CONTRA A POÉTICA DE ARISTÓTELES

Lorena Martins Pedroso Almeida (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Prof. Dr. Luiz Carlos André Mangia Silva (Orientador), e-mail: lcamsilva@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias – DTL, PR

### Linguística, Letras e Artes, Literaturas Clássicas

**Palavras-chave:** Personagem trágica, Representação da mulher na Antiguidade, Tragédia grega.

### Resumo

Em sua *Poética*, Aristóteles considera que o caráter dos personagens trágicos ou épicos deve ser adequado, conforme as expectativas que certa audiência nutre em relação a um rei, uma rainha, um escravo ou uma escrava, por exemplo. Contrariando tais preceitos, parece-nos que os melhores personagens em tragédia são exatamente aqueles que se afastam das diretrizes traçadas pelo filósofo. Focalizamos, pois, neste artigo, duas personagens femininas consideradas “inapropriadas”, Clitemnestra e Antígona, presentes nas obras *Agamêmnon* de Ésquilo e *Antígona* de Sófocles. Para tal, utilizamo-nos do método teórico bibliográfico, que nos permitiu conhecer o lugar social da mulher grega antiga e o funcionamento de suas representações.

### Introdução

Aristóteles reserva o décimo quinto capítulo de sua *Poética* aos comentários preceptivos sobre os personagens trágicos. Nele, o filósofo afirma que um caráter deve ser apropriado; isso significa que deve agir de modo a corresponder às expectativas depositadas sobre sua figura: da mesma maneira com que um rei não pode se mostrar acovardado, por exemplo, não é bom que uma mulher seja valente ou esperta, pois tais características não são esperadas pela audiência.

De acordo com o ideário de Aristóteles sobre a arte trágica, seus preceitos a respeito de personagens encerram pontos importantes ao sucesso da tragédia em seus propósitos. Se não observados, juntamente com suas demais orientações, o risco é de que a obra resulte falha, inverossímil ou pouco complexa. A leitura de personagens “inapropriadas”, como Clitemnestra, da peça *Agamêmnon*, de Ésquilo, e Antígona, protagonista da peça homônima de Sófocles, porém, refuta as afirmações aristotélicas, oferecendo perspectivas inesperadas sobre personagens femininas.

Após descumprir o decreto de Creonte, seu tio, para prestar honras fúnebres ao seu irmão, Antígona leva seus propósitos até o momento derradeiro, argumentando em função do cumprimento das leis divinas que Creonte negligenciava. O conflito da peça é também discussão certa e substancial

sobre a insubmissão frente o poder absoluto. Neste aspecto, a figura feminina de Antígona é de grande representatividade e valor trágico, ficando conhecida por sua sensatez e imponência.

A narrativa de Clitemnestra, por sua vez, não recebeu o mesmo tratamento. A mulher que então governava Argos premeditou e executou o assassinato de Agamêmnon, seu marido, motivada a vingar sua filha, Ifigênia, que o pai matara como sacrifício em troca de ventos favoráveis rumo a Troia. A rainha não hesita em assumir seu feito, argumentando de maneira intrépida diante dos anciãos argivos. Em muitos dos textos que dela tratam, Clitemnestra é conhecida como mulher de ânimo masculino, alcunha que a fez rodeada de adjetivos negativos como cruel, hipócrita e insolente. Como esperado, sua postura “inadequada” provoca reações não só no coro da peça, composto por influentes anciãos da cidade, mas também no leitor/espectador médio, que espera da personagem uma feminilidade normativa.

Personagens como essas, porém, enriquecem os enredos dos quais participam, criando embates polêmicos, porém verossímeis e tragicamente frutíferos. O artigo proposto tem como intuito, portanto, o confronto entre as ideias aristotélicas sobre o personagem trágico através de duas personagens femininas, Clitemnestra e Antígona, compreendendo suas divergências em relação às representações clássicas tradicionais do feminino.

### Revisão de literatura

O conjunto de reflexões aristotélicas sobre as artes reunidas na *Poética* ganhou, ao longo da história, o valor de preceituário. Sendo a *Poética* um texto não necessariamente preceptivo, porém assim compreendido historicamente, convém pensar em suas afirmações como “agentes reguladores” das representações artísticas, participando, dessa maneira, do processo de geração e manutenção dos estereótipos femininos.

Durante a discussão de seu objeto – a personagem trágica –, Aristóteles cita a personagem feminina por duas vezes. Por tais passagens, entendemos que a personagem feminina: a) pode ser boa, apesar de sua condição inferior; b) não pode ser valente ou terrível, pois essas características não se adequam à sua condição feminina. Resta-nos questionar qual é a natureza de tal condição, como era entendida pela sociedade do filósofo e quais argumentos ele utilizava para validar suas afirmações.

Na *Política*, ao tratar da organização da família e das funções de seus membros, Aristóteles afirma que, para que haja ordem e harmonia, comandantes e comandados devem possuir as mesmas virtudes de sabedoria, coragem e justiça; tais virtudes, porém, não devem se manifestar da mesma maneira, posto que os indivíduos envolvidos são diferentes em relação ao *status* social: sendo mulheres, crianças e escravos os comandados pelo homem cidadão, esses também devem possuir qualidades, porém em grau *apropriado* à sua condição inferior.

A determinação das condições de comandante e comandado, no caso das mulheres, é baseada nas diferenças biológicas entre os sexos, observadas por Aristóteles de modo enviesado, porém adequado à sua época. Trata-se

de um enfoque essencialista – em oposição à concepção culturalista – dos papéis sociais dos gêneros: a condição social das pessoas designadas como mulheres é determinada por sua essência biológica, característica impressa no momento de sua concepção, sendo, portanto, uma condição inexorável. Expectativas sobre o comportamento de mulheres e homens foram construídas sobre a ideia de que, sendo o masculino o padrão por excelência, as especificidades femininas constituiriam mutilações, má formações ou emulações das características masculinas. A “insuficiência” ou “inferioridade” da constituição biológica feminina acarretam, de acordo com a perspectiva essencialista, os papéis sociais da obediência, do silêncio e da discrição.

A separação dos papéis sociais entre os gêneros na Grécia Antiga é bem demonstrada pelas relações mitológicas – e, por consequência, representativas – entre o par de deuses Héstitia-Hermes, estudados por Jean-Pierre Vernant em seu ensaio *Héstitia-Hermes. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos*. Héstitia e Hermes representam forças contrárias, porém complementares. A primeira tem como função residir e cuidar das dependências internas da casa, sendo que seu nome também representa a lareira micênica, estrutura circular de pedra que fixa o lar em seu lugar na terra. O segundo habita os espaços abertos, as vias de circulação, os portais, as encruzilhadas. Entre Héstitia e Hermes engendra-se delicada rede de complementariedades: são, respectivamente, o fixo e o móvel, o ponto central e os arredores, a tesouraria e a troca, o passivo e o ativo, o fechado e o aberto. As duas divindades antropomorfizam o pensamento grego em relação à ocupação humana do espaço e vão além: representam a divisão sexual básica do trabalho na Grécia Arcaica, em que o homem se ocupa de atividades no exterior e a mulher tem seus afazeres no interior do domicílio. Héstitia é, também, a âncora que fixa as relações entre famílias a um ponto geográfico associado ao esposo. Fixa à casa, ainda, os filhos gerados no casamento: eles não nascem da mãe, mas da própria lareira da casa do marido, sendo a mãe apenas aquela que nutre e gera. A divindade é construída a partir de discursos que visam à manutenção da ideia de que a hereditariedade é exclusivamente masculina, sendo esse um ponto importantíssimo do pensamento patriarcal antigo.

## Resultados e Discussão

As expectativas a respeito do comportamento de Clitemnestra e Antígona estão inscritas sob o signo de Héstitia: as mulheres deveriam restringir-se à casa, zelando pela fixação dos laços familiares. Personagens assim cumpririam os preceitos aristotélicos de não possuir valentia ou esperteza, mantendo, pois, qualidades adequadas à posição de comandadas. No entanto, ambas as personagens rejeitam tal característica de modo diverso. Antígona volta-se contra Héstitia ao manter-se firme em seus propósitos diante da impossibilidade do casamento e da maternidade. Sua personagem constrói-se em oposição à Ismene, sua irmã, em que Héstitia se manifesta como esperado: “[...] é preciso lembrarmos de que nascemos para ser mulheres, e não para combater com os homens” (2003, p. 41), afirma

Ismene à Antígona, pedindo-lhe que se adeque às expectativas de seu gênero. A oposição entre Antígona e Creonte, porém, é a que mais revela a maneira com que tal personagem “inadequada” é construída: “Levem-nas para dentro, escravos. A partir desse momento têm de ser mulheres, ao invés de andarem livremente” (2003, p. 64), afirma Creonte a respeito das duas irmãs; ser mulher, portanto, implica na reclusão, da que Antígona se rebela. Noutro ponto, Creonte deixa claro que as transgressões de Antígona não ferem apenas seu poder como rei, mas como homem: “[...] é ela que será homem e não eu, se lhe deixo esta vitória impunemente” (2003, p. 57). Clitemnestra, “mulher de ânimo viril” e “protetora única da cidade” (2000, p. 19; p. 27), por sua vez, recusa Héstia de modo mais enfático. Vernant (1990, p. 202) destaca sua oposição com Electra, que se torna um duplo inverso da mãe: enquanto Clitemnestra recusa a mão masculina em todos os âmbitos, exceto para o sexo, Electra faz o inverso: mantém-se virgem, atuando apenas em função de Héstia, sujeitando-se aos homens em tudo, menos no casamento. Na peça, Clitemnestra também é construída a partir de sua oposição com Egisto, seu amante, acusado pelo coro de ocupar o lugar de mulher, enquanto Clitemnestra assume a posição masculina de ação e governo.

### Conclusões

Não é nosso propósito afirmar que o texto aristotélico falha em suas considerações sobre a personagem trágica feminina, pois não o investigamos em termos de verdade ou falsidade. Podemos concluir, porém, que personagens femininas “inadequadas” constituem grande parte do valor trágico das obras analisadas, contrariando o que se pode presumir do capítulo décimo quinto da *Poética*.

### Agradecimentos

Agradeço ao CNPq e à Fundação Araucária pelo suporte financeiro, fundamental à realização dessa pesquisa. Agradeço, ainda, ao meu orientador, professor Luiz Carlos André Mangia Silva, pela paciência e atenção.

### Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ÉSQUILO. **Orestéia**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.
- SÓFOCLES. **Antígona**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2003.
- VERNANT, J.-P. Héstia-Hermes. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos. In: **Mito e pensamento entre os gregos**. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.